

ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE A MENTE, O OLHAR E O GESTO NAS PRÁTICAS COTIDIANAS

Rosiléia Oliveira de Almeida*

* Professora do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas das Faculdades Jorge Amado – FJA. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. E-mail: rosi_oliveira@terra.com.br

Resumo: Trata de abordagens teórico-metodológicas que, constituindo objetos tomados socialmente como insignificantes em objetos científicos, nos fornecem contribuições para o estudo das relações existentes entre a **mente**, o **olhar** e o **gesto** na aprendizagem das operações materiais. São destacados: o paradigma indiciário, modelo epistemológico resgatado por Carlo Ginzburg, cujas raízes na ciência remontam ao final do século XIX; as reflexões sobre o significado das ações da experiência, desenvolvidas por Walter Benjamin; a proposta de estudo da lógica própria das ações, desenvolvida por Michel de Certeau; e, ainda, as contribuições da antropologia fílmica para o estudo dos fatos e gestos que originam a sociabilidade profunda da vida cotidiana. Essas abordagens revelam-se promissoras para o estudo dos saberes locais, que emergem a partir da concretude da experiência.

Palavras-chave: abordagens teórico-metodológicas; vida cotidiana; aprendizagem de operações materiais.

Abstract: It deals with theoretical-methodological approaches that, constituting objects taken as socially insignificant in scientific objects, provide us with contributions for the study of the existing relationships between **mind**, **sight** and **gesture** in learning the material operations. Attention is called upon the evidential paradigm, an epistemological model recovered by Carlo Ginzburg, of which roots in science go back to the end of the nineteenth century; the reflections about the meaning of the experience actions, developed by Walter Benjamin; and the proposal of study of the proper logic of actions, developed by Michel de Certeau; and, still the contributions of filmic anthropology to the study of facts and gestures that originate the profound sociability of daily life. These approaches reveal themselves to be promising to the study of local knowledges, that emerge from concrete experiences.

Keywords: theoretical-methodological approaches; daily life; learning of material operations.

INTRODUÇÃO

O saber é sabor da vida, tece-se no cotidiano dela, não à maneira das flores em jardins cultivados, mas como as plantas do mato, no qual a variedade das espécies contendem e definem o território da própria existência.

O mato é complexo, intrincado, confuso e rico. Não tem a beleza da pujança da vida, que explode em multiplicidade de expressões, formas, relações e hierarquias.

Por isso, a hierarquia estará sempre aquém dessa riqueza. Estará sempre defasada. É sempre disciplinadora. Mas é a luz de que dispomos, para dizer a nós mesmos, clarearmos para nós, o impacto da experiência da vida. É sempre, portanto, uma luz frouxa, um bruxulear.

*[...] É preciso cuidar das nossas luzes, das nossas linguagens, para podermos, com maior compreensão, entendermos a conversação que somos. **Conversari**, em latim é, **vivercom**, antes de ser falar de, falar para.*

(Tiago Adão Lara)

O texto selecionado como epígrafe deste artigo retrata a necessidade de nos preocuparmos com as nossas luzes, nossos olhares, nossas linguagens, nossas **opções metodológicas**, através das quais procuramos conversar com a intrincada trama que constitui as práticas cotidianas.

Segundo Azevedo (2002, p. 55), sempre há um outro olhar ou outros olhares, bem como outros sentidos para se perceber e compreender o mundo. Conferir um outro olhar sobre as práticas cotidianas é a tarefa a que se dedicaram os autores cujos aportes teóricos tomamos como referência neste artigo. A insatisfação com as

abordagens convencionais de pesquisa das práticas cotidianas foi o que os impulsionou a ensaiarem, de forma ousada, nas suas práticas investigativas, um novo olhar, que evidenciou os limites de nossas certezas. Ao se deixarem molhar pela dúvida e pela incerteza, ao trocarem “o certo pelo duvidoso”, ao atravessarem o Rubicão¹, nos contemplaram com uma nova atitude de pesquisa, que requer outras luzes, outros olhares, outras linguagens...

Neste artigo, buscamos nos referenciar nesses autores para vislumbrar possibilidades de novos percursos metodológicos que, num esforço de afastamento das categorizações e hierarquias pré-definidas, nos permitam mergulhar “sem bóia” nas rotinas das práticas cotidianas, buscando ampliar os limites do nosso olhar para descrever e, quem sabe, contribuir para legitimar práticas cotidianas simples, freqüentemente desprezadas pela história oficial, sempre apegada a personagens e fatos extraordinários. Essa perspectiva metodológica nos incita a olhar o invisível, descobrindo o que há nas entrelinhas e nas entreimagens. Também sugere a importância de buscarmos enxergar a beleza que existe na simplicidade.

Ao considerarmos as assertivas de Heller (2000, p. 20) de que “a vida cotidiana não está ‘fora’ da história, mas no ‘centro’ do acontecer histórico: é a verdadeira ‘essência’ da substância social” e que ela se orienta para a realização de atividades cotidianas, nas quais haveria uma unidade imediata de pensamento e ação, que jamais se eleva ao plano da teoria, buscamos resgatar as contribuições teóricas de autores que procuram decifrar as relações existentes entre a **mente**, o **olhar** e o **gesto** na aprendizagem das operações materiais.

Esses autores põem em relevo os inventores anônimos que, através de seus gestos, constroem a história, pois, como nos adverte Borges (1970, p. 19), “em toda história os protagonistas [são] milhares, visíveis e invisíveis, vivos e mortos”.

Conforme nos lembra Bourdieu (1999, p. 20), na construção de um objeto de pesquisa deve-se ser “capaz de pôr em jogo coisas teóricas muito importantes a respeito de objetos ditos empíricos muito precisos, freqüentemente menores na aparência, e até mesmo um pouco irrisórios.” (p. 20). Neste artigo resgatamos as contribuições de autores que revelaram essa capacidade de constituir objetos tomados socialmente como insignificantes em objetos científicos.

¹ A expressão é empregada para retratar atitudes audaciosas e destemidas. Associa-se ao seguinte fato histórico: quando o Senado romano tentava reduzir o poder e a força de Júlio César, este, astuciosamente, se contrapôs aos seus adversários políticos. No comando de suas tropas, em 49 a.C., Júlio César cruzou o rio Rubicão, deslocando-se da Gália Cisalpina em direção a Roma, depois de pronunciar a famosa frase *Alea jacta est* (A sorte está lançada). Depois de cruéis combates, César dominou toda a península italiana.

1 ESTUDO DAS PRÁTICAS COTIDIANAS: APORTES TEÓRICOS CONVERGENTES

O paradigma indiciário, modelo epistemológico resgatado por Ginzburg (1989), cujas raízes na ciência remontam ao final do século XIX, as reflexões sobre o significado das *ações da experiência* desenvolvidas por Benjamim (1994), a proposta de estudo da *lógica própria das ações* desenvolvida por Certeau (1985, 1986) e as contribuições da antropologia fílmica para o estudo dos pequenos fatos e gestos dos quais se origina a sociabilidade profunda da vida cotidiana são promissores para a abordagem dos saberes locais que emergem a partir da concretude da experiência, embora não desprezem as vinculações desses saberes com as condições macrossociais. Nesses vários aportes teóricos, identificamos como convergência a abordagem das **relações entre a mente, o olhar e o gesto** nas práticas cotidianas.

1.1 Ginzburg e o paradigma indiciário

O paradigma indiciário consiste na valorização dos pormenores, dos gestos inconscientes, dos detalhes, das particularidades insignificantes, geralmente imperceptíveis e negligenciados pela maioria dos pesquisadores. Corresponde a um método interpretativo que atribui aos dados marginais a importância de revelar aspectos que fogem ao controle da consciência, permitindo captar uma realidade mais profunda inacessível à observação direta. De acordo com a forma de saber, pode dirigir-se ao passado, ao presente ou ao futuro².

A emergência desse paradigma confunde-se com as operações mentais complexas e precisas, realizadas com rapidez fulminante, por milênios, pelos hominídeos, durante as caçadas. Manifesta-se, ainda hoje, como patrimônio cognoscitivo transmitido de geração a geração, através de narrativas, em muitas práticas.

Essas formas de saber, ligadas à concretude das práticas cotidianas, à intuição, à sagacidade, segundo Ginzburg (1989, p. 167), “eram mais ricas do que qualquer codificação escrita; não eram aprendidas nos livros, mas a viva voz, pelos gestos, pelos olhares; fundavam-se sobre sutilezas certamente não-formalizáveis, freqüentemente nem sequer traduzíveis em nível verbal”.

A partir do século XVIII, a ciência moderna, cuja linguagem depurada e abstrata afasta-se dos dados sensíveis, promoveu uma ruptura com as práticas cotidianas, sacrificando, em detrimento da generalização, o

² A partir de vestígios e pistas, a arqueologia, por exemplo, dirige-se para o passado, buscando reconstituir os comportamentos e o mundo simbólico de sociedades antigas. Assemelham-se, os antropólogos, ao detetive Sherlock Holmes, das histórias policiais de Conan Doyle. Hubbe et al. (2003), mostram como a arqueologia, a genética e a bioantropologia buscam reconstruir o complexo quebra-cabeças da entrada do homem nas Américas. Já na microhistória, destaca-se como uma das primeiras pesquisas desenvolvidas no Brasil a que foi empreendida por Souza (1986), na qual perscruta fontes inquisitoriais, tratados teológicos, fontes literárias e muitas outras, ao analisar a demonização da América Portuguesa.

conhecimento dos elementos individuais. Surge a tendência, conforme Ginzburg (1989), de se eliminar os traços individuais dos objetos, aumentando a distância emocional do observador³.

As classes dominantes passam a se apropriar dos saberes de artesãos, camponeses e cidadãos comuns, codificando-os e dando curso ao processo de aculturação, conforme ilustra Ginzburg (1989, p. 175), ao narrar como o uso das impressões digitais para controle social resultou da expropriação dos saberes indiciários da população de Bengala, que tinha por costume imprimir nas cartas e documentos uma ponta de dedo borrada de piche ou tinta⁴. O paradigma indiciário pode, nesse cenário do capitalismo maduro, revelar não apenas esses artifícios da ideologia, mas, também, os fenômenos profundos que explicam os fenômenos superficiais.

Ginzburg (1987) questiona como se realizaria a apropriação de elementos da cultura hegemônica pela cultura popular, criticando algumas concepções que ainda persistem, como a de que ela se daria por uma difusão mecânica, por aculturação; ou de que haveria uma deterioração ou deformação de tais elementos durante a transmissão; ou, ainda, de que haveria uma convergência entre tais elementos e os elementos da cultura popular.

Para o autor, o processo é mais complexo, pois envolveria uma transformação do desconhecido em algo conhecido e familiar⁵. Além disso, Ginzburg (1987, p. 20) compartilha da hipótese de Mikhail Bakhtin de que haveria “circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica”, sugerindo a riqueza de perspectivas de pesquisa abertas por essa hipótese, em sondagens diretas, sem intermediários, do mundo popular.

1.2 Walter Benjamin e o significado das ações da experiência

Reconhecendo a desvalorização das ações da experiência a partir do início do século XX e o fato de que elas têm deixado de ser comunicáveis, Benjamin (1994a) relaciona tais processos ao monstruoso desenvolvimento da técnica, que, ao se sobrepor ao homem, tem provocado a desvinculação do nosso patrimônio cultural em relação à experiência; a incorporação arbitrária, não orgânica, de novas linguagens e, ainda, a criação de espaços em que não há mais vestígios, não há mais rastros de sua presença.

³ A conexão da memória visual com a emoção é ressaltada no filme *Janela da Alma* (2002). Dessa forma, preocupa-nos em que medida a ruptura das práticas cotidianas com os dados sensíveis e a tendência à padronização dos ambientes, objetos e processos, sua despersonalização, não poderiam resultar na não-identificação emocional dos praticantes com os produtos de suas ações.

⁴ O filme *O Último Samurai*, inspirado numa história real, ilustra a tentativa do exército japonês de apropriar-se da luta com duas espadas, a qual se baseia nos indícios percebidos no comportamento do adversário.

⁵ De minha infância, lembro-me de relatos sobre o desapontamento de pessoas da cidade ao constatarem que os moradores da zona rural utilizavam o vaso sanitário como vaso de flores. O que tomávamos por ignorância passa agora a ser resignificado como um processo de apropriação criativa e orgânica dos elementos de uma cultura que pretendia se impor.

As experiências deixaram de ser comunicáveis, segundo Benjamin (1994b), à medida que a narrativa se extinguiu com o avanço das técnicas industriais. Isso porque a narrativa está associada às mais antigas formas de trabalho manual. Ela floresceu no mundo dos artesãos, que, de uma forma tenaz e paciente, buscavam atingir a perfeição, em um “tempo em que o tempo não contava” (p. 206). Dessa forma, a narrativa constitui-se, ela própria, uma forma artesanal de comunicação, pois o narrador deixava seus vestígios nas coisas narradas.

A racionalidade moderna exige que as tarefas sejam abreviadas, havendo, cada vez mais, uma maior aversão às atividades prolongadas e ao intercâmbio de experiências que elas oportunizavam. Nesse sentido, não nos causa surpresa, por exemplo, quando vemos a impaciência das pessoas quando se diz que é necessário esperar a cachaça envelhecer ou quando se implementam técnicas que fazem com que os frangos engordem mais depressa.

Benjamin (1994b) considera que a expulsão da narrativa da esfera do discurso desenvolveu-se gradualmente, acompanhando a evolução das forças produtivas, com o destaque para a invenção da imprensa no início do período moderno.

De um cenário em que “o saber que vinha de longe – do longe espacial das terras estranhas, ou do longe temporal contido na tradição – dispunha de uma autoridade que era válida, mesmo que não fosse controlável pela experiência” (p. 202-203), numa relação ingênua entre narrador e ouvinte, passou-se à exigência de plausibilidade e verificação imediata das informações. O discurso, ao se constituir em informações efêmeras e se fazer acompanhar de explicações e interpretações, deixou de suscitar espanto, admiração e reflexão e perdeu a dimensão prática presente no ato de dar conselhos, de compartilhar as experiências, o qual passa, então, a ser visto como antiquado.

A partir do séc. XIX, a sociedade burguesa, que promoveu o distanciamento do homem em relação ao espaço, através da higienização e depuração dos ambientes, também o desvinculou de um discurso vivo, ao reduzir o papel das mãos no processo produtivo.

A alma, o olho e a mão estão inscritos no mesmo campo. Interagindo, eles definem uma prática. Essa prática deixou de nos ser familiar. O papel da mão no trabalho produtivo tornou-se mais modesto, e o papel que ela ocupava durante a narração está agora vazio. (Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito.). (BENJAMIN, 1994b, p. 220-221).

As idéias de Walter Benjamin emergiram na década de 1930, num cenário pós-guerra e com profundas mudanças sociais e no mundo do trabalho na Europa. Mas nos cabe questionar em que medida a recente

revalorização dos processos artesanais e as propostas atuais de a eles incorporar as tecnologias de forma orgânica não acenariam para a possibilidade de se recuperar a antiga coordenação da alma, do olhar e do gesto.

1.3 Michel de Certeau e a morfologia da prática

Certeau (1985) propõe a análise das práticas cotidianas enquanto **operações**, buscando apreender conexões entre os percursos heterogêneos que elas revelam, ou seja, situando-as em um sistema. O essencial seria o estudo de como o praticante **se serve** dos elementos da tradição e como **põe em prática** os materiais semânticos, culturais e políticos que lhe são impostos, transformando-os ativamente durante o ato de consumo.

O que os consumidores fazem com os produtos? Esta é uma fabricação escondida, astuciosa, dispersa, que se insinua ubiquamente, silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios, mas nas *maneiras de empregar* os produtos impostos por uma ordem econômica dominante. (CERTEAU, 2003, p. 39).

Apesar de tecer algumas críticas a Pierre Bourdieu, em especial à teoria do *habitus*, que envolve a idéia de reprodução, e à tendência desse autor a etnologizar as práticas, Certeau emprega a idéia de **golpe** formulada pelo referido autor, associada à prática sutil de se tirar proveito das circunstâncias, das conjunturas, das ocasiões, por meio de decisões rápidas, com base em elementos inumeráveis e complexos. Além disso, resgata a concepção de que não há identidade entre as práticas e os objetos dos quais nos servimos nessas práticas, uma vez que uma coisa pode ser sempre substituível por outra, desde que entre elas haja afinidade.

Tendo como referência tais noções, o autor destaca que a improvisação diferencia-se da espontaneidade, pois envolve um conhecimento extraordinariamente sutil dos códigos. Nesse sentido, “a ocasião não existe por si mesma”. Nós fazemos as ocasiões ao colocarmos “a memória em relação com o instante”. (CERTEAU, 1985, p. 17).

O que o autor propõe é que se analise a **morfologia da prática**, ou seja, que se busque apreender cada prática, em sua lógica própria, tomando-a como uma rede de operações que, apesar de sutis e disfarçadas, podem ser descritas e formalizadas. Assim, tornar-se-ia possível identificar as regras, as leis que a prática obedece. A importância de tais estudos torna-se, segundo o autor, mais significativa em épocas de mutação, de trânsito.

Concebendo as práticas cotidianas como coletivas, Certeau (1985) nelas identifica três caracteres: estético, ético e polêmico. O caráter estético refere-se ao estilo, ou seja, aos modos específicos de que se utiliza o praticante para se servir de algo que lhe é imposto. O caráter ético corresponde à maneira de o praticante

recusar a ser identificado à ordem tal como ela se impõe, manifestando sua vontade de criar. O caráter polêmico relaciona-se às atitudes maliciosas dos mais fracos para contornar as relações de força, sendo a retórica um de seus instrumentos mais poderosos.

Certeau (1985) situa o surgimento do interesse pela descrição científica das práticas, das maneiras de fazer, no século XVII, na França e na Alemanha, época em que já se discutia o tipo de discurso que se aplicaria à descrição das práticas cotidianas. Até hoje persiste o problema de como introduzir em um discurso a extraordinária riqueza das práticas cotidianas. Para o autor, o discurso teórico sobre as práticas cotidianas poderia se basear na análise da narratividade, pelo poder que ela apresenta de organizar as experiências. Dessa forma, a desvalorização do discurso narrativo na sociedade atual traz dificuldades ao estudo teórico das práticas cotidianas.

O estudo das práticas cotidianas enquanto **narrativas** deveria ser associado ao seu estudo enquanto **gestos**, sendo que, para Certeau (1985), entre eles não haveria um paralelismo, tendo em vista a prática cultural de se introduzir na simbolização o que falta nas ações. Tal descompasso reconhecido pelo autor é ressaltado na cultura brasileira pelo provérbio “faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço”.

A dificuldade de se articular um discurso sobre práticas não discursivas, principalmente sobre o que da experiência humana foi considerado ilegítimo ou negligenciável pelo discurso acadêmico da modernidade, devido à ideologia obstinada pela escrita, pela produção e pelas técnicas especializadas, segundo Certeau, Giard e Mayol (1996, p. 342), decorre do fato de que “nossas categorias de saber ainda são muito rústicas e nossos modelos de análise por demais elaborados para permitir-nos imaginar a incrível abundância inventiva das práticas cotidianas”. Para apreendê-la, seria necessário mudar nossos hábitos de pensamento, substituindo a abordagem generalizante pelo estudo de situações concretas particularizantes.

O estudo das práticas cotidianas, segundo Certeau (2003), iniciou-se tendo por base a oposição entre o fazer e o saber, promovida pela cientificidade moderna. Desde então o discurso passou a ordenar e sistematizar o **saber-fazer**, apropriando-se dele e a ele opondo-se na forma de técnicas e por meio da gestão racional da produção. No século XVIII, torna-se clara a diferenciação “de um lado das **artes de fazer** (não discursivas), que se tornam objeto de crescente curiosidade, e, de outro lado, as **ciências** esboçadas por uma nova configuração do saber (discursiva)”. (p. 136).

As **artes de fazer** tornam-se objeto de crescente curiosidade pelas classes dominantes porque, naquela época, tinham o privilégio de organizar a produção.

Esse saber-fazer não discursivo [...] é objeto de conquista, de apropriação, pelas classes dominantes, não como práticas desprezíveis, mas sim como saberes engenhosos, complexos e operativos. Fez-se um enorme esforço para descrever essa imensa reserva de ‘artes’ e ‘ofícios’ e levá-los a uma maior perfeição através da otimização técnica. (CERTEAU, 2003, p. 136-137).

O saber-fazer, mesmo precedendo e prescindindo da ciência, passa naquela época a ser inventariado e “esclarecido” pela linguagem científica, de acordo com o ideal iluminista. Às ciências, concebidas como epistemologicamente superiores, caberia a tarefa de “elucidar”, de tornar legível, o **logos** escondido no artesanato.

Todas essas Gatas Borracheiras, a ciência há de transformá-las em princesas. O princípio de uma operação etnológica sobre essas práticas já se acha então posto: o seu *isolamento social* pede uma espécie de educação que, graças a uma inversão lingüística, vai introduzi-las no campo da escritura científica. (CERTEAU, 2003, p. 139).

A otimização técnica do século XIX converteu o saber-fazer em máquinas e subordinou-o à tecnologia, passando a privá-lo daquilo que o articulava objetivamente: a competência manual. O saber-fazer, separado da linguagem de seus procedimentos, passa a ser visto como um saber subjetivo, intuitivo, reflexo, quase secreto, de estatuto indefinido e silencioso, porque privado de sua linguagem manual e da possibilidade de desenvolver um discurso próprio. Carecendo de legitimidade aos olhos da racionalidade produtivista e abandonado pela colonização tecnológica, esse saber, agora com estatuto de atividade privada, mantém-se “à margem ou no interstício das ortopraxias científicas ou culturais”. (CERTEAU, 2003, p. 142).

As práticas passam a ter um estatuto de um saber não sabido, de um saber que não pertence a ninguém:

[...] fica circulando entre a inconsciência dos praticantes e a reflexão dos não-praticantes, sem pertencer a nenhum. [...] Nas ‘oficinas’ artesanais bem como naquelas do inconsciente jaz um saber fundamental e primitivo que antecede o discurso esclarecido, mas ao qual falta uma cultura própria. (CERTEAU, 2003, p. 143-144).

É necessário que esse saber do inconsciente, presente nas maneiras de fazer, tenha possibilidade de expressar-se por um discurso orgânico, cabendo ao investigador perscrutar como os praticantes se servem dos elementos da tradição e os reinventam cotidianamente.

1.4 A Antropologia Fílmica e o estudo dos gestos de aprendizagem

Com o movimento de descolonização dos anos 60, os antropólogos, antes empenhados no estudo dos homens nas sociedades de tradição oral, voltaram-se pouco a pouco para a sua própria cultura, passando a tomá-la como objeto de estudo, sendo que muitos passaram a dar atenção aos pequenos fatos e gestos dos quais se origina a sociabilidade profunda da vida cotidiana.

Cada um de nós está continuamente imerso em uma intrincada trama de fatos e gestos cotidianos, que se caracterizam por serem difusos, fugazes, fluentes e banais, e que, por isso mesmo, passam despercebidos. Esses fatos e gestos, susceptíveis de serem apreendidos pelo filme, obedecem, segundo France (2000), a regras de organização, podendo ser reveladores do funcionamento, das estruturas e dos valores de uma sociedade.

Tendo como objeto o ser humano como ser social e cultural tal como ele é apreendido pelo filme, e considerando as maneiras como coloca em cena suas ações e seus pensamentos, a antropologia fílmica busca apreender a mais discreta aparência de uma atividade humana ou de seu produto, até aquilo que se dissimula, ou, ainda, as estruturas, representações, significações, valores, funções, normas e regras a ela subjacentes.

Em relação à observação direta, o registro fílmico possui o status de referência epistemológica mais legítima, uma vez que tem um suporte persistente e contínuo, podendo ser reexaminado por si mesmo a qualquer momento. Além disso, através das técnicas da *observação diferida* e do *autocomentário*, permite às pessoas filmadas expressar representações mentais não mostráveis, como experiências de vida, emoções, interpretações e julgamentos.

A antropologia fílmica aplica-se ao estudo de atividades materiais aparentemente simples, de caráter tecnológico, empreendidas por um grupo humano, como, por exemplo, a fabricação artesanal. A descrição minuciosa dessas atividades, com base no registro do mesmo processo, diversas vezes, e no registro dos momentos de silêncio e de ausência de atividade aparente, revela maneiras de pensar e maneiras de agir que, paradoxalmente, são muito complexas e que permitem situar o grupo no conjunto da sociedade à qual pertence.

Na descrição fílmica busca-se “explorar minuciosamente e de forma continuada a maneira como os acontecimentos, as ações, os gestos e os mínimos objetos desenvolvem-se no espaço e no tempo, em relação uns com os outros”. (FRANCE, 2000, p. 31).

Segundo France (2000), a descrição fílmica pode ser macrodescritiva, quando apegada a conjunto de ações e de fatos (por exemplo: descrição das etapas da fabricação de um objeto), ou microdescritiva, quando se detém nos detalhes de cada operação material completa ou pólo operatório (por exemplo: descrição minuciosa dos gestos e operações de cada uma das etapas de fabricação de um objeto). Qualquer que seja o enfoque, sempre se deve ter um *filio condutor*, que confere à descrição uma coerência narrativa.

O conceito de *pólo operatório*, empregado por France (1998) na descrição de várias técnicas materiais, refere-se ao “espaço de interação imediata entre a parte do corpo do agente ou do instrumento engajado na ação e o objeto sobre o qual se exerce essa ação”. (FRANCE, 2000, p. 37).

Rosenfeld (2000) ressalta a necessidade de uma ruptura com as bases sobre as quais construímos nosso sistema cognitivo e simbólico, ao se pretender utilizar o registro fílmico das atividades cotidianas, pois ele

exige uma modificação de nossos hábitos sensoriais, ao mesmo tempo em que permite que vejamos coisas que não poderíamos ver na observação direta.

A possibilidade de vincular os gestos mais discretos e menos aparentes da vida cotidiana ao funcionamento e valores de uma sociedade é ilustrado pela pesquisa de Guéronnet (2000). A partir do estudo dos rituais lúdicos e de cooperação durante uma atividade concreta, banal e cotidianamente repetida, os cuidados com o corpo que os pais dispensam aos seus filhos de pouca idade, a autora constata que a atividade do pai durante o banho revela alguns traços fundamentais do trabalho profissional, geralmente confiado aos homens: a linearidade (o agente leva cada tarefa a seu termo antes de pôr em execução uma outra), a intermitência (os limites iniciais e terminais da tarefa são nitidamente definidos, havendo oposição clara entre atividade e repouso, trabalho e lazer) e, ainda, há alternância entre gestão e execução. No que se refere às mulheres, durante o banho ocorre superposição de tarefas executadas simultaneamente, sua continuidade e, ainda, exercício simultâneo de gestão e execução.

Comolli (2000) considera o filme como o instrumento de pesquisa mais apropriado para o estudo dos *gestos de aprendizagem* de técnicas materiais, corporais ou rituais, tendo em vista os seguintes atributos das aprendizagens: sua irreversibilidade, sua complexidade e o fato dos processos de aquisição e de transmissão serem quase sempre inconscientes.

A partir da microanálise de sessões de aprendizado, em que uma mãe ensina a sua filha de cinco anos a se vestir e a cumprir tarefas domésticas elementares (arrumar a cama, lavar o prato), a autora busca desvelar os elementos constitutivos das aprendizagens (agentes, meios, objetos), as relações que se estabelecem entre eles no espaço e no tempo, as leis que governavam a aquisição e a transmissão e as relações entre aprendizagem e tarefa dominada.

Na *mise en scène* dessas aprendizagens por exploração visual, a autora sugere a necessidade de se buscar apresentar numa mesma imagem o olhar do aprendiz (olhar de aquisição), os gestos executados pelo mestre (conteúdo da aprendizagem) e os gestos executados pelo aprendiz (gestos de aquisição), para que se possa estabelecer vínculo efetivo entre o olhar e os gestos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesa sobre as atividades cotidianas a idéia de repetição incansável e consumismo irrefletido. Os aportes teóricos convergentes que resgatamos neste artigo, ao se debruçarem sobre a rede de operações que constitui essas práticas, nos levaram a questionar a limitação das abordagens generalizantes, que as reduzem a uma reprodução de rotinas do passado.

A perspectiva a partir da qual as práticas cotidianas são vistas pelos autores que tomamos como referência permite perceber o poder transformador de cada ser humano ao interagir com os objetos, as linguagens, os processos e produtos culturais preservados pela tradição ou impostos pela sociedade industrial. Assim, por um processo de apropriação, o desconhecido, frio e distante pode se tornar próximo, acolhedor e familiar... como na música que diz: “talvez eu seja simplesmente como um sapato velho, mas ainda sirvo se você quiser, basta você me calçar, que eu aqueço o frio dos seus pés...”

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Joanir Gomes de. A tessitura do conhecimento em redes. In: OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda (Org.). **Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. p. 55-68.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. p. 114-119. (Obras Escolhidas, v. 1).

_____. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b. p. 197-221. (Obras Escolhidas, v. 1).

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Difel, 1999. p. 17-58.

BORGES, Jorge Luis. O etnógrafo. In: _____. **Perfis: ensaio autobiográfico**. Tradução de Maria da Glória Bordini. 4. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1970. p. 19-21.

CERTEAU, Michel de. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. In: ENCONTRO COTIDIANO, CULTURA POPULAR E PLANEJAMENTO URBANO, 1., 1985, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FAU/USP, 1985. p. 3-19.

CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano: 2. morar. cozinhar**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

COMOLLI, Annie. A pesquisa fílmica das aprendizagens. FRANCE, Claudine de (Org.). **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Tradução de Március Freire. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 77-99.

FRANCE, Claudine de. **Cinema e antropologia**. Tradução de Március Freire. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

FRANCE, Claudine de. Antropologia fílmica: uma gênese difícil, mas promissora. In: _____. (Org.). **Do filme etnográfico à antropologia fílmica**. Tradução de Március Freire. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 17-42.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um paradigma indiciário. In: _____. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história.** Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 143-179.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** Tradução de Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GUÉRONNET, Jane. Ritualismo e cooperação em uma técnica do corpo. FRANCE, Claudine de (Org.). **Do filme etnográfico à antropologia fílmica.** Tradução de Március Freire. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 55-75.

HELLER, Agnes. Estrutura da vida cotidiana. In: _____. **O cotidiano e a história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000. p. 17-41.

HUBBE, Mark et. al. **A primeira descoberta da América.** Ribeirão Preto: SBG, 2003.

JANELA da alma. Direção: João Jardim e Walter Carvalho. Produção: Flávio R. Tambellini. Fotografia: Walter Carvalho. Edição: Karen Harley e João Jardim. Elenco: José Saramago, Wim Wenders, Hermeto Pascoal e outros. Roteiro: João Jardim. Música: José Miguel Wisnick. Rio de Janeiro: Ravina Filmes, 2002. 1 DVD (73 min), widescreen, son., color. Produzido por Videolar.

ROSENFELD, Jean-Marc. Filmar: uma reconversão do olhar. FRANCE, Claudine de (Org.). **Do filme etnográfico à antropologia fílmica.** Tradução de Március Freire. Campinas: Editora da Unicamp, 2000. p. 43-53.

SOUZA, Laura de Mello. **O diabo e a Terra de Santa Cruz.** São Paulo: Companhia das Letras, 1986.